

A CEREJEIRA NÃO É ROSA MAIS

Brasileiro, campista, aguerrido, embora poeta; belicosidade essa, amalgamada com o rufar dos tambores da Segunda Guerra Mundial. Tudo indica ter sido este som também a oxigenação da forja das cabeças pensantes da minha geração. Usávamos fardas e não uniformes. Ao perfilarmos-nos quotidianamente formados no pátio da Escola Primária, durante o cerimonial do hasteamento da Bandeira seguido do canto do Hino Nacional, antes do início das aulas, recebíamos assim, precocemente, forte injeção de civismo. Sentimento nativista. Fazia parte do currículo escolar. Trabalhos manuais, teoria musical e canto orfeônico também.

Vivi memorável adolescência, viajando de carona na esteira condutora dos *anos doirados*; assim: cumprimentei mão-na-mão Pixinguinha, na estação de bondes do Tabuleiro da Baiana; o elegante Ataulfo Alves, envergando seu terno azul marinho de tropical inglês brilhante, no *footing* do Hotel Serrador. Quanto privilégio! Dominei a aritmética e seus fundamentos, portal do meu cepticismo transmutado para a filosofia. Precocemente aprendi a não crer em fórmulas empíricas. Esbarrei nas ruas, algumas vezes, com Ari Barroso, Antônio Maria, Bororá, Lamartini Babo, Vinícius de Moraes, Tom Jobim e, um cem número de outros artífices da nossa sólida cultura musical. Nada disso era privilégio meu; a minha geração também era guerreira. Por várias razões, tínhamos a carreira militar por imperativa prioridade. No meu caso, por pura opção, ingressei na FAB.

Daquela geração, o contingente que tinha acesso aos livros, á guisa de acultramento, usava a poesia como terapia ocupacional e, através do rádio, a música conduíte de prazer. Este *modus vi vendi* foi para mim de importância vital. Aos treze anos, comprei um violão de terceira mão e, valendo-me de um método, com gráficos práticos e cifrados, aprendi algumas posições e seus acordes correspondentes. Em 1956, ao ser matriculado em BQ, encontrei veteranos musicistas em sua grande maioria pianistas. Era o caso dos 55-11, 55-33 e 55-100; além do extraordinário 55-52, que tocava violino e do qual me tornei amigo. Acontecia, após os procedimentos regulamentares de matrículas e a institucional adaptabilidade á vida na Escola, uma natural convocação aos afins, através dos membros do Departamento Social da Sociedade Acadêmica; atletas, musicistas e demais alunos que possuíam pendores a atividades especiais, apresentavam-se.

No nosso caso, por ordem numérica, fomos relacionados: os 56-17 e 56-30 eram pianistas, os 56-15, 56-92 e 56-93 ritmistas, eu, 56-137 gostava de cantar, tocar maracas, percussão e violão, nas horas vagas. Quando nos reuníamos sob a égide da cultura, o “trote” e suas mazelas, arma danosa do veteranismo, desapareciam.

Naquele ano, as refeições (ranchos), eram realizadas em um salão localizado no térreo do prédio dos alojamentos e, em mesas redondas de oito lugares. No centro geométrico do salão havia um palco discretamente suspenso, sobre o qual via-se um piano ao lado da mesa usada pelo Oficial de Dia e, à qual

tinham acento também os Alunos de serviço.

Cinco pianistas concorriam a uma escala de serviço de “Pianista de Dia ao Rancho” e, enquanto almoçávamos, melodias ao vivo brotavam das mãos mágicas dos nossos companheiros. Havia um silêncio total. Até o vozerio e o tilintar de talheres, característico dos refeitórios, desaparecia. No ano seguinte acabou.

Quando a Turma de 57 chegou, o processo de arregimentação repetiu-se. Após a seleção, constatou-se que entre os músicos não havia nenhum pianista; vieram violeiros, acordeonista, saxofonista, trompetista, ritmistas da mais alta estirpe. Entre os violeiros, veio de São Paulo um, que tocava uma “viola americana” para ninguém botar defeito. Os pendores artísticos afluíam aqui e ali; e um colega de prefixo 56 revelou-se empresário e, diante daquela safra, começou a organizar eventos fazendo apresentações em outras escolas e instituições religiosas pelas cidades periféricas. Este colega, que posteriormente foi declarado Aspirante, quando Major, pediu passagem para a reserva. Através de concurso público, tornou-se professor de Matemática e Estatística, continuou promovendo eventos a granel e acabou criando a “Universidade do Shopp”, um conglomerado onde aconteciam espetáculos artísticos; êta! “56-68”.

Na atividade musical coube-me a missão de coordenar o grupo e, em função da qualidade dos seus membros, passei a tocar maracas e ser *crooner* nas horas vagas. Entre os colegas do grupo, com quatro eu me afinava mais e por um cruel capricho do destino, nenhum está mais entre nós. O pandeirista 57-161, o saxofonista 57-114, o trompetista 57-99 e o violinista 55-52. Todos foram, sob todos os aspectos, utilíssimos à Força Aérea; porém o trompetista tinha características especiais; senão vejamos: a virgindade da mulher solteira era tão importante que se falar “*Moça virgem era gramaticalmente considerado redundância*”.

Alguns de nós frequentávamos rotineira e compulsivamente as dependências da zona do baixo meretrício. Nos primeiros meses de Escola, até o fazíamos para fugir nos finais de semana do assédio dos veteranos ávidos por trote, depois por hábito, O 57—99, o “*Bocão*” — apelido adquirido porque, nas raras horas vagas que tínhamos na Escola, portava uma ponteira em que exercitava embocadura, apesar de loiro, alto, espadaúdo, bem afeiçoado, sobressaindo-se por onde passava, era um dos que não fazia parte daquela confraria machista. Um belo dia, na hora destinada à revista no alojamento, momento cujo intervalo usávamos para transmitirmos recados ou dar avisos para toda a Esquadilha, caminhou até o local apropriado e bradou: *Atenção Esquadilha: eu gostaria que, de hoje em diante, nenhum colega insistisse em me convidar para ir à zona. Eu quero me casar com uma mulher virgem; e quero também estar virgem para ela*”, “*Muito obrigado*”.

Ao longo do ano de 1957, a Escola viveu um período de intensa atividade cultural, visto que um dos nossos companheiros o 56-68, tinha forte vocação para tal mister e

tínhamos também o total apoio do Capelão da Escola, o Pe. Viçoso, que, através da JEC—Juventude Estudantil Católica, promovia mensalmente eventos internos e externos. Naquela oportunidade, a música unia membros de três Turmas; os “repes” de 55, os membros da Turma de 56 e os de 57. Eu, um entusiasta, organizava os ensaios. Criamos um conjunto musical que nos bastidores era conhecido como “Os Camofos do Ar” e tínhamos um vibrante prefixo, **A CEREJEIRA ROSA**.

Quando ingressamos na FAB visando a sua atividade fim que é de ser aviador, tínhamos a consciência de que iríamos caminhar por caminhos tortuosos e plenos de obstáculos em função da «exigência mor de termos *“Men sana in corpore sano”*»; contudo, o fator inabilidade pode acabar com o sonho. Acabar com o sonho, mas, não acaba com o *espírito de esquadilha*”, um fenômeno que se solidificava nas Alterosas a tal ponto que nos faz reunir mês-a-mês em qualquer ponto do Brasil onde estiveram em mais de cinco BQanos de qualquer época. Como não pode haver um fenômeno anônimo, ousaria chamá-lo de BQanismo.

Dos quatro colegas em pauta, dois foram declarados

Aspirantes Aviadores, um Aspirante Intendente e o quarto pediu desligamento às vésperas de ser declarado Aspirante Aviador, alegando não querer matar ninguém e que, na realidade, o que queria mesmo era ser professor. Escolhemos os quatro em virtude dos mesmos terem nos deixado prematuramente. Queremos lembrar a importância do 57-99. Era estudioso e aplicado e o resultado foi uma vida acadêmica tranqüila e bem sucedida.



Em minha mente ficou gravada a sonorização de seu pistom quando solfejava as primeiras notas de Cerejeira Rosa, ecoando no alojamento, nas manhãs de domingo, quando tocava a título de ensaio, que me permitiu fazer a ilação da música ao aluno, cadete, engenheiro e professor **JUAREZ JORGE RODRIGUES LIRA**.

Clarindo dos Santos, 56-137

FATOS PITORESCOS

No posto médico:

1) Medicamentos - São conhecidos os casos de tratamento dos alunos com o tal “disco voador” (fórmula 1), remédio para todos os males, apenas variando nas doses. Seria, talvez, a dipirona desenvolvida pelo grande mestre Cruz Machado. Muito bem aceito era o xarope catalogado como fórmula 8, ministrado em casos de gripe, que, de tão gostoso, mais parecia um licor. Protegidos com japona e cachecol, notórios “biriteiros” faziam fila no corredor de acesso ao posto médico e simulavam tosse, no aguardo do “tratamento adequado”. Em determinado dia, a fila desapareceu quando o chefe do serviço de saúde, para combater o surto de “influenza” decidiu mandar aplicar, nos portadores da grave enfermidade, uma injeção em dose cavalgar, que, de tão dolorida, teria de ser nas nádegas. Alguns que foram chamados, com base em registros de atendimentos anteriores, afirmaram ao médico de dia que o xarope tinha propriedades miraculosas, porquanto, com apenas 15 doses, estavam totalmente curados da forte gripe contraída pela exposição à friagem da noite nas ladeiras de Barbacena. **2) Exame de fezes** - Após rigorosos exames no Instituto de Seleção e Controle, inclusive os chamados laboratoriais (coleta de sangue e urina), os vitoriosos da maratona do concurso, finalmente, apresentaram-se ao Comando da EPCAR prontos para serem aviadores. Qual não foi a decepção dos novos ases da aviação ao receberem, como primeira missão, coletar fezes para exames complementares. Até mesmo os alunos do segundo ano teriam de providenciar o “material” para exame, o que nos levou a crer tratar-se de atenção especial do serviço de saúde a eventuais casos de parasitose. O problema é que o posto médico não dispunha de 400 potes para coleta

daquele indesejado produto acabado. Foi quando aprendemos o significado da ordem: “Se vira!”. A equipe de saúde elaborou um calendário para recolher o material, por grupos de alunos, mas não deu instruções claras sobre o tamanho do recipiente (coletor) e a quantidade de fezes, desconhecendo que muitos não tinham experiência nessa palpitante área da Medicina. Após embaraçosa “manobra” para recolher o produto e colocá-lo num pote, cada um procurava seu lugar na fila do posto médico para a solene entrega. Sim, solene, porque os enfermeiros tratavam do assunto com seriedade e faziam registros formais daquela verdadeira operação militar. A curiosidade geral voltou-se para o recipiente portado por uns e outros, completamente despadronizados. Quando o Noronha (56-78) apareceu com uma lata de goiabada desembulhada, somente com a tampa arriada (aberta com abridor e presa por pequena parte não rompida), dizendo com aquela famosa voz de deboche: “trouxxxe o matcherial...», o cabo velho que o atendeu, ordenou-lhe com firmeza: “- Abra!”. Ao deparar com um tremendo “tolete”, passou-lhe uma descompostura, mandando-o levar o material de volta para separar a quantidade certa e acondicioná-la convenientemente. A “bicharada” adorou, mas achou estranho o arrogante veterano não reagir à repreensão, partindo de um subordinado hierárquico. Na verdade, o reconhecimento do erro foi um gesto de humildade do Noronha, que muito o ajudou na integração à nova turma, felizmente para ele a boa Turma de 1957. Sobre a brincadeira de mau gosto do colega, diriam nossos “mui amigos” vizinhos argentinos:

“-Pero que fué una mierda, fué!”.

COISAS DO FELICÍSSIMO

O Felicíssimo (58-267) ligou de Salvador para o João Carlos, pedindo a inclusão de seu “nome na rela” do Encontro dos 50 Anos, em Barbacena. E sugeriu a hospedagem no Hotel Lucape. OK, nosso amigo acaba de fazer o lançamento do evento, fazendo-se credor da primeira adesão ao mesmo. A sugestão do hotel será submetida aos organizadores da grande festa, quando eles se apresentarem. Após a publicação do resumo de trabalhos enviados à Representação, no número de Set-Out/2003 de O CON*DOR, outros documentos foram cedidos pelo Feliz, que passamos a apresentar:

- uma estatística atualizada em 2003 sobre os principais países da atualidade, destacando que o PIB mundial alcançou a cifra de US\$ 32,116 tri, e que o Brasil melhorou

sua posição no “ranking” em relação ao ano anterior, avançando da 15ª para a 13ª posição, com US\$452,367 bi, contra os US\$ 10,383.100 tri dos Estados Unidos, 1º colocado; foram antecipados dados de 2004, em que nosso País avançou mais ainda - para o 12º lugar; também foram apresentados dados de 2003 de 15 Estados brasileiros, com São Paulo, naturalmente, detentor do 1º lugar, com 33,4% do BIP do Brasil;

- planilhas com dados sobre países do G7, da União Européia, dos blocos econômicos NAFTA, MERCOSUL, Comunidade Andina e ALÇA;

- planilhas da situação econômica do Brasil, contendo dados da dívida externa, da dívida interna do setor público e da previdência social, da arrecadação tributária e do comércio exterior, com demonstrações específicas para a balança comercial no período de 1930 a 2002; o histórico de Itaipu, comentado com colocações muito interessantes sobre a engenharia civil da construção, a engenharia elétrica dos geradores, a engenharia mecânica das comportas e a engenharia financeira do empreendimento, esta a ser concluída somente em 2021, 30 anos após a inauguração do último gerador, em maio de 1991;

- mapas das batalhas travadas em território russo, durante a Segunda Guerra Mundial, entre os exércitos alemão e russo, extraídos do “elettrizante” livro Stalingrado - O Cerco Fatal, que traz também a

versão russa do embate, só possível após o fim da URSS, com a abertura dos arquivos oficiais;

- uma sinopse comentando o livro História da Rússia, de Otto Schneider (Editora Panamericana), intitulada pelo Felicíssimo “Pequena História da Grande Rússia”; tão interessante e instrutiva ficou a apostilha que o exemplar disponibilizado na Sede da Turma foi levado por alguém não identificado (um novo exemplar encontra-se sob custódia do João Carlos);

- versão da Sentença de Cristo, considerada cópia autêntica da peça do processo de Jesus, existente no Museu da Espanha;

- outro livro sobre os males que afligem os homens com idade avançada, intitulado “Próstata: isso é com você”, do Dr. Miguel Srougi; em linguagem simples e objetiva, o autor explica o que é o órgão, suas alterações normais, as doenças que o afetam e os tratamentos recomendados. Agora, nosso prezado companheiro está muito empolgado com os novos ensinamentos sobre esse palpitante tema, tendo sublinhado a maior parte do texto do livro, fazendo anotações muito pertinentes. Até desistiu de extirpar a próstata, preventivamente.

Amigo Felicíssimo, a Turma agradece sua prestimosa atenção, cumprimentando-o por cuidar muito bem do saber e da saúde.

PENSAMENTO DE O CON*DOR

“Podem falar tudo a meu respeito, ainda que protagonista de uma história fantasiosa. Às vezes, tenho a sensação de que, em certo momento, a fantasia reflete a realidade de nós mesmos.”

Felicíssimo (58-267), o grande filósofo da nossa Turma, autorizando a equipe de O CON*DOR a publicar toda e qualquer matéria a seu respeito.



EMBAIXADOR DA FORÇA AÉREA

O professor Edson Carlo Brandão Silva (à direita do ex-Prefeito Célio Mazoni) quando Presidente da FUNDAC, prestou um depoimento muito simpático aos redatores de O CON*DOR, sobre o carinho que os ex-Alunos devotam a Barbacena, em suas viagens nostálgicas à Cidade ou na divulgação de suas belezas e tradições pelo Brasil todo, chamando-os de EMBAIXADORES DE BARBACENA. Na verdade, o jovem historiador é que se revela um autêntico Embaixador da Força Aérea. Recentemente, ao ocupar o cargo de Secretário de Comunicação do Município, foram reconhecidos seus relevantes serviços em prol de nossa Instituição com a outorga da Medalha Mérito Santos-Dumont.